

FUTEBOL:

UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 9º ANO EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE GOIÁS

MS. NÉRI EMÍLIO SOARES JUNIOR

Mestre em Educação pela UnB
Professor do curso de Educação Física da UFG

ANA JÚLIA MENEZES ROCHA

Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física da UFG

THAYNÁ DE SOUZA FIGUEIREDO

Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física da UFG

Resumo | Este texto tem o objetivo de apresentar um relato de experiência de uma proposta pedagógica desenvolvida em uma turma de 9º ano de uma escola da Rede de Ensino do Estado de Goiás na cidade de Goiânia. Essa experiência foi realizada por uma dupla de estudantes estagiários do curso de Licenciatura em Educação Física, da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás, Unidade Acadêmica da Universidade Estadual de Goiás (ESEFFEGO/UEG). Após nossa experiência, pudemos perceber que o estágio supervisionado foi um importante momento de formação, um confronto entre a realidade escolar concreta com suas possibilidades e limites e as teorias pedagógicas da educação física.

Palavras-chave | Estágio Supervisionado; Prática pedagógica; Futebol.

APRESENTAÇÃO

Temos o objetivo de apresentar um relato de experiência de uma proposta pedagógica desenvolvida por uma dupla de estagiários do curso de Licenciatura em Educação Física, da Escola Superior de Educação

Física e Fisioterapia do Estado de Goiás, Unidade Acadêmica da Universidade Estadual de Goiás (ESEFFEGO/UEG), em uma turma do 9º ano de uma escola da Rede Estadual de Ensino do Estado, na cidade de Goiânia, no segundo semestre do ano de 2011.

Neste texto, apresentamos, no primeiro momento, a organização do Estágio V de forma sucinta. Posteriormente, discorreremos sobre o desenvolvimento da intervenção desde o momento da análise de conjuntura da realidade até o momento da regência. Já no terceiro momento, apresentamos nossas impressões sobre a participação dos estudantes nas aulas e, por fim, temos as palavras finais deste texto.

SITUANDO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA ESEFFEGO/UEG

O Estágio Supervisionado da ESEFFEGO/UEG é composto por cinco disciplinas dispostas do 5º ao 8º períodos do curso, correspondendo a um dos eixos norteadores da proposta curricular do curso de licenciatura. Sendo assim, tem como objetivo geral:

Desenvolver conhecimentos no campo da cultura corporal que possam contribuir para a transformação da realidade social e com a formação humana dos professores de Educação Física, através de uma inserção crítica no mundo do trabalho com compromisso social e político do profissional da educação (GOIÁS/UEG/ESEFFEGO/PGE, 2010, p. 6).

Dessa forma, o Estágio Supervisionado é parte importante da formação de professores, já que procura proporcionar aos acadêmicos o contato com a realidade social em diferentes campos de atuação, propiciando ainda, nesse cotidiano, um diálogo crítico.

O Estágio Supervisionado V apresenta como foco de atuação a Educação Física escolar, cujo propósito principal é o de promover o estudo teórico, observação e intervenção na prática pedagógica da Educação Física, na segunda fase do ensino fundamental e no ensino médio. A organização da disciplina pode ser assim resumida nos seguintes momentos:

- a) Análise de conjuntura: consiste em uma análise da realidade do campo (organização e desenvolvimento do trabalho pedagógico na escola e do professor de Educação Física).

- b) Planejamento: momento de elaboração do plano de ensino e dos planos de aula a partir da análise de conjuntura.
- c) Intervenção: é composta por três momentos: a regência, a observação da prática pedagógica entre o coletivo dos estudantes estagiários e a discussão coletiva sobre a prática pedagógica realizada por esses sujeitos.
- d) Sistematização e socialização: momento de reflexão crítica da experiência realizada no Estágio Supervisionado. Nesse momento, os estudantes realizam, sistematizam e socializam a experiência da prática pedagógica realizada, como também avaliam a experiência vivida na disciplina Estágio V.

1º TEMPO DA PARTIDA: DA ANÁLISE DE CONJUNTURA AO PLANEJAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A análise de conjuntura configura-se como um momento de diagnóstico da realidade que teve como objetivo analisar a organização e o desenvolvimento do trabalho pedagógico da escola-campo e mais especificamente da Educação Física. Para tal empreitada, foram utilizados os seguintes instrumentos de levantamento de dados: a entrevista, a análise documental e a observação.

Foram entrevistados o grupo gestor do colégio e a professora de Educação Física e o documento analisado foi o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola. Também observamos toda a estrutura do colégio (número de salas, pátio, cantina, biblioteca, quadra esportiva etc), bem como os vários momentos da dinâmica escolar, tais como: entrada e saída dos estudantes, o recreio, momentos de socialização dos professores e as aulas de Educação Física.

Com o processo da análise da conjuntura, identificamos dados que influenciavam o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Esses dados estavam relacionados desde questões inerentes às políticas educacionais (ex: políticas de avaliação) até a infraestrutura e as condições materiais do colégio.

Nosso trabalho foi desenvolvido em um colégio pertencente à Rede Estadual do Estado de Goiás, situado na região central da cidade de Goiânia. O colégio, considerado de grande porte, conta com 22 salas de aula, sendo apenas 14 utilizadas no turno vespertino, no qual realizamos o estágio. Possui quadra poliesportiva, ambiente informatizado, biblioteca, 6 banheiros, sendo 2 utilizados por professores e funcionários e 4 pelos alunos. O espaço de convivência utilizado pelos alunos é o pátio e a quadra.

O quadro docente do colégio é formado por 33 professores efetivos sendo 3 de Educação Física, um em cada turno. A professora responsável pelo turno vespertino realizava uma carga horária de 36 horas semanais e ministrava aulas para turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e para turmas da 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio.

No turno vespertino, havia 14 turmas, sendo 10 do Ensino Fundamental e 4 do Ensino Médio. Possuíam aproximadamente 540 alunos frequentes. Desse total, 5 apresentavam necessidade educacional especial (2 deficientes auditivos, 2 com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e 1 deficiente mental). A turma do ano em que realizamos a intervenção contava com um total de 24 estudantes frequentes, sendo 12 meninas e igual número de meninos.

Identificamos no colégio escassez de material didático à disposição do professor de Educação Física, (duas bolas, uma de voleibol e outra de futsal). Para solucionar esse problema, utilizamos nas regências o material que os estudantes estagiários possuíam em seu acervo pessoal: quatro bolas de futebol e quatro cones. O fato de a quadra não ser coberta influenciou o andamento das aulas, já que na organização interna dos professores do colégio havia sido acordado não se utilizar esse espaço. Segundo a coordenação da escola, essa medida foi necessária objetivando-se preservar a saúde dos estudantes, visto que, no período da regência, Goiânia passava por uma forte onda de calor. Dessa forma, tivemos que utilizar um espaço físico alternativo, em um pequeno espaço do pátio escolar que dispunha da sombra de uma grande mangueira.

Ainda sobre a análise de conjuntura, é importante pontuar que a mesma aconteceu mediada pela discussão de diferentes temas que

possuíam relevância para a prática pedagógica, tais como: função social da escola, organização do trabalho pedagógico, teorias da Educação Física, políticas educacionais, focalizando as propostas curriculares para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio.

Com o processo de levantamento de dados sobre a Organização do Trabalho Pedagógico já adiantado, foi iniciado o processo de planejamento das intervenções. Esse momento teve importância singular para o processo de formação, pois foi pautado pelo princípio da autonomia na elaboração dos projetos de ensino. Ou seja, nesse momento, o professor supervisor do estágio e a professora do colégio não interferiram de forma coercitiva na elaboração das propostas pedagógicas dos estagiários.

Então, como fundamento teórico para orientar a prática pedagógica, foi escolhida a concepção Crítico-Superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Essa escolha foi realizada principalmente por ter sido identificado que o Projeto Político-Pedagógico do colégio apresentava como fundamento teórico a Pedagogia Histórico-Crítica, de Dermeval Saviani, que foi uma das referências para a elaboração da concepção Crítico-Superadora. Também foi considerada, na escolha da concepção, a realidade encontrada no colégio, visto que se percebeu a necessidade de instigar os alunos a uma visão crítica da realidade em que estão inseridos de modo que eles possam perceber o conhecimento produzido historicamente pela humanidade (SAVIANI, 2000; 2008) e o papel que possuem no percurso histórico dessa produção (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Após a definição da concepção pedagógica, decidiu-se escolher o tema a ser ministrado em nossas aulas. Então, optou-se pelo futebol, por se entender que se trata de um fenômeno mundial que precisa ser melhor estudado e entendido de forma global e ampla. Além disso, durante as observações realizadas percebeu-se um interesse dos alunos por essa modalidade e certa dificuldade de diferenciar as diversas formas sob as quais se apresenta em nossa sociedade. Dessa forma, nosso objetivo foi ampliar a compreensão que os estudantes apresentavam desse tema da cultura corporal na sociedade em suas dimensões técnica, cultural, política e social.

Para selecionar, organizar e sistematizar os conteúdos a ser ensinados, procurou-se atender aos princípios curriculares estabelecidos pelo Coletivo de Autores (1992), a saber: a) relevância social do conteúdo; b) contemporaneidade do conteúdo; c) adequação às possibilidades sociocognoscitivas do aluno; d) simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade; e) espiralidade da incorporação das referências do pensamento e; f) provisoriidade do conhecimento, ou seja, noção da historicidade do conhecimento; e os princípios da lógica dialética: “totalidade, movimento, mudança qualitativa e contradição” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 34). Dessa forma, decidiu-se apresentar os conteúdos organizados em temas específicos.

2º TEMPO DA PARTIDA: DELINEANDO O ENSINO DO FUTEBOL

No primeiro dia de intervenção, realizou-se uma aula denominada “diagnóstico” com o objetivo de identificar o conhecimento que os estudantes apresentavam do tema a ser tratado e assim definir os temas das futuras aulas.

Houve dois momentos, o primeiro, com um diálogo com os estudantes, e o segundo, com uma vivência do futebol. A intenção da aula foi identificar o conhecimento que os estudantes apresentavam do futebol, seja como praticantes seja como apreciadores. De modo geral, percebeu-se um interesse maior dos meninos pelo conteúdo. A maioria relatou que já havia vivenciado o futebol em diferentes lugares e durante a prática demonstraram certa habilidade técnica. Já as meninas, apesar de não se mostrarem dispostas à vivência, relataram que tiveram algum envolvimento com o futebol como torcedoras.

Após essa primeira aula, decidiu-se abordar os seguintes temas: a) diferença entre jogo e esporte; b) tipos de futebol (campo, *society*, futsal, *showbol*, areia); c) história do futebol; e d) fundamentos do futebol (passe, recepção, domínio e chute). A partir dos temas estabelecidos, os objetivos do conjunto das aulas ministradas foram: a) identificar as diferenças entre jogo e esporte; b) caracterizar os diferentes tipos de futebol; c) conhecer

de forma sintética o desenvolvimento da história do futebol e; d) vivenciar os fundamentos do futebol (passe, domínio, condução e chute).

O segundo dia de regência iniciou-se com o tema: “Diferença entre jogo e esporte”. A escolha desse tema aconteceu na análise de conjuntura, visto que se percebeu, na observação das aulas de Educação Física, que os estudantes apresentavam dificuldades em diferenciar o conceito de jogo do de esporte. Sendo assim, iniciou-se com uma atividade dialógica em sala de aula na qual os estudantes, com nossa orientação, foram solicitados a apresentar possíveis diferenças entre jogo e esporte. Posteriormente, vivenciamos um jogo como exemplo, procurando apresentar as características desse tema da cultura corporal, diferenciado do tema esporte. Os estudantes mostraram-se, assim, interessados por esse primeiro conteúdo e souberam identificar as principais diferenças existentes entre jogo e esporte.

No início da discussão foi possível perceber que alguns estudantes sabiam algumas diferenças entre o jogo e o esporte, dentre elas as relativas às regras. Alguns souberam explicar que, no jogo, as regras são modificáveis, enquanto no esporte não. A maioria dos estudantes, porém, considerava que jogo e esporte eram apenas duas palavras distintas para definir a mesma coisa. Outros elementos foram surgindo com o decorrer da aula. Os alunos foram instigados a pensar sobre questões como o espaço onde se pratica o jogo e o esporte, o material utilizado, o tempo de duração, uniformes, formação de equipes. Ao serem questionados sobre esses elementos, os estudantes foram identificando as diferenças existentes e apresentaram compreensão das principais diferenças entre jogo e esporte.

Em um próximo momento, trabalhou-se com o tema: “Tipos de futebol” (campo, salão, areia, *society* e *showbol*). Na primeira aula dessa temática, os alunos receberam algumas reportagens de jornal impresso e reportagens oriundas de *sites* da internet sobre cada tipo de futebol. Em seguida, foi realizada uma discussão sobre as possíveis diferenças entre cada um dos tipos de futebol e elaborado, coletivamente, um quadro com as suas principais características, como, por exemplo: o local, o

tempo, quantidade de jogadores, as regras etc. Na aula seguinte, foram apresentados alguns vídeos para que os estudantes identificassem os diferentes tipos de futebol, já especificados anteriormente. Os estudantes apresentaram então dificuldades para identificar o *showbol*, já que se trata de uma modalidade nova que não é divulgada com frequência através da mídia aberta.

Já com o tema: “História do futebol”, iniciou-se a primeira aula com a leitura de um texto acadêmico sobre os elementos históricos do futebol, desde o seu surgimento na Antiguidade até os dias atuais, considerando-se a forma como foi e como é jogado¹. Em seguida, foi realizado um debate sobre a temática e solicitado aos estudantes que apresentassem suas sínteses da leitura e do debate em uma atividade escrita. Na segunda aula, realizou-se uma encenação propondo que os estudantes vivenciassem duas formas de jogo, uma parecida com a da época do surgimento do futebol na Antiguidade (parecida com o *rugby*), e outra semelhante ao futebol que conhecemos hoje. Essa temática foi finalizada com um diálogo no qual procurou-se articular o texto trabalhado com a vivência dos jogos, instigando os alunos a construir possíveis relações do texto com a atividade prática. Percebemos que, após a vivência dos jogos, os estudantes compreenderam melhor o texto e conseguiram compreender o desenvolvimento histórico do futebol de forma sintética.

Na temática “Fundamentos”, nosso desafio era tentar superar a fragmentação do conhecimento, característica de uma abordagem tradicional. Dessa forma, procurou-se organizar o processo de ensino-aprendizagem relacionando-se as diferentes técnicas (condução, passe, recepção e chute). Foram propostos diferentes jogos e brincadeiras em que os estudantes deveriam utilizar as técnicas do futebol. Também se propôs que eles se organizassem sempre em grupos para o desenvolvimento das atividades, estimulando os relacionamentos interpessoais.

1. A perspectiva da história do esporte tratado nas aulas, no caso, o futebol, foi a da continuidade das práticas corporais que se observou na Antiguidade. No entanto, reconhecemos que existem outras teorias sobre a possível origem do futebol e do esporte.

No que se refere à avaliação da aprendizagem, foi adotada uma perspectiva que não tivesse o intuito de reforçar a função seletiva, disciplinadora e meritocrática reforçada pelo sistema capitalista. Para nós, a avaliação vai além de simplesmente aplicar testes com a intenção de verificar se o aluno apreendeu ou não determinada técnica. Assim,

[...] a avaliação do processo ensino-aprendizagem está relacionada ao projeto pedagógico da escola, está determinada também pelo processo de trabalho pedagógico, processo interrelacionado dialeticamente com tudo o que a escola assume, corporifica, modifica e reproduz e que é próprio do modo de produção da vida em uma sociedade capitalista, dependente e periférica (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 98).

Partindo dessa ideia de que medir não é avaliar, procurou-se realizar a avaliação de caráter formativo tal como propõem Fernandes e Freitas (2006). Assim, a avaliação ocorreu de forma processual e contínua, pois foram utilizados como instrumentos para a sua realização: frequência, participação, atividades (elaboração de textos, questionários e pesquisas), prova e autoavaliação. Sobre as aulas práticas, a avaliação aconteceu a partir de observações da participação dos estudantes, feitas por meio de anotações, cujo objetivo foi identificar o processo de aprendizado do conhecimento relacionado aos fundamentos.

Considerando que a avaliação em grande parte deva ser formativa e que essa tem como foco o processo de aprendizagem baseado na interação e no diálogo, colocando, portanto, o aluno, juntamente com o professor, na responsabilidade por seu progresso, utilizamos a autoavaliação como um instrumento capaz de proporcionar maior responsabilidade aos alunos sobre o seu próprio aprendizado (FERNANDES; FREITAS, 2006).

A partir então da avaliação realizada, foi possível perceber que grande parte dos estudantes conseguiu alcançar os objetivos propostos e que aqueles que obtiveram os menores rendimentos foram os que apresentaram pouca assiduidade às aulas. Já em relação ao processo de autoavaliação, percebeu-se que o objetivo foi atingido, pois esta cumpriu sua função de autorreflexão. Os alunos que não frequentavam as aulas e/ou delas não participavam se autoavaliaram com notas baixas, demonstrando consciência

de que não colaboraram e, conseqüentemente, não aprenderam o que foi proposto durante o processo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NAS AULAS

No decorrer do processo, as meninas mostraram-se interessadas em realizar as atividades, com uma participação efetiva nas chamadas “aulas práticas”, enquanto os meninos apresentaram-se desinteressados, mostrando-se, em vários momentos, dispersos.

Já em relação à participação durante os debates realizados nas aulas, os meninos tiveram participação maior do que as meninas, talvez por se tratar de um tema que ainda se encontra de maneira mais consolidada no universo masculino. Santos (2008, p.134) sugere que, nas aulas de Educação Física, é necessário tratar as questões de gênero, a fim de:

[...] melhorar as possibilidades de aprendizagem de todos os/as alunos/as, para que as aulas de educação física se transformem em espaço de aprendizagem para aqueles/as que não tiveram oportunidades para vivenciar os conteúdos da cultura corporal em seu cotidiano. [...] A criação de espaços para a discussão democrática das vivências corporais possibilita a reorganização das representações biologicistas acerca do corpo e sobre a naturalização de representações e práticas consideradas como essencialmente masculinas ou femininas em nossa sociedade.

As meninas, de uma forma geral, entram em contato com o futebol durante a mocidade, enquanto os garotos já nos primeiros anos de vida estão chutando uma bola. Vejamos a contribuição de Daólio (1995, p. 102):

Esses hábitos corporais masculinos e femininos vão, ao longo do tempo e dependendo da sociedade, tornando um sexo mais hábil do que o outro em termos motores. No caso brasileiro, os meninos tornaram-se mais habilidosos e as meninas, “antas”.

Apesar de se mostrarem participativos nas discussões, consideramos ainda os estudantes, de forma geral, tímidos ao serem questionados em sala de aula. Também a participação e a frequência dos estudantes foram abaixo do esperado. Durante as intervenções, observamos que apesar de boa aceitação da turma ao conteúdo ministrado, pelo menos

em 60% tivemos um número inferior a 19 estudantes presentes. Mesmo com o baixo índice e frequência, grande parte dos estudantes conseguiu atingir os objetivos propostos com nossa intervenção.

PALAVRAS FINAIS

De modo geral, consideramos que o estágio supervisionado na ESEFFEGO/UEG proporcionou um momento singular e de fundamental importância em nossa formação mediante o confronto entre a realidade escolar e as teorias pedagógicas, tal como aponta Veiga (2002). Ou seja, podemos conhecer a realidade concreta de uma escola pública em que pudemos analisar e vivenciar o processo de organização e desenvolvimento do trabalho pedagógico com seus limites e possibilidades.

Apesar das dificuldades encontradas na prática pedagógica, consideramos que a intervenção foi bastante satisfatória, visto que conseguimos perceber as possibilidades da prática pedagógica mediada por uma concepção crítica de Educação Física. Ressaltamos também o processo de apropriação do conhecimento e a “evolução” que muitos estudantes apresentaram durante nossa intervenção.

REFERÊNCIAS

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAÓLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em antas. In: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995, v. 01, p. 99-108.

FERNANDES, C. O.; FREITAS, L. C. de. Currículo e Avaliação. In: **Indagações sobre o currículo**. Brasília: MEC, 2006.

GOIÁS/UEG/ESEFFEGO. **Projeto geral de estágio do curso de licenciatura em educação física**. Goiânia, ESEFFEGO, 2010.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 33. ed. Campinas: Autores associados, 2000.

_____. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 10. ed. Campinas: Autores associados, 2008.

SANTOS, J. M. **O gênero na escola**: a educação física em questão. 2008. 138 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SOUZA JUNIOR, M. O saber e o fazer pedagógicos da Educação Física na cultura escolar: o que é um componente curricular? In: CAPARROZ, F. E. (Org.). **Educação física escolar**: política, investigação e intervenção. Vitória, ES: Proteoria, 2001.

VEIGA, I. P. A. Perspectivas para a formação do professor hoje. In: XI ENDIPE: Igualdade e diversidade na educação. **Anais ...** Goiânia, 2002, CD-ROM.

Recebido: 11 abril 2012

Aprovado: 08 maio 2012

Endereço para correspondência:

Néri Emílio Soares Junior

Rua R 29, Qd. 29, L. 8

Conjunto Itatiaia II

Goiânia – GO

CEP: 74690-540

neriesjr@gmail.com